

UMA DIMENSÃO AXIOLÓGICA DA NEURODIVERSIDADE: DO MODELO BIOMÉDICO DE DEFICIÊNCIA À VALORIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DOS FUNCIONAMENTOS ATÍPICOS

AN AXIOLOGICAL DIMENSION OF NEURODIVERSITY: FROM THE BIOMEDICAL MODEL OF DISABILITY TO THE SOCIOPOLITICAL VALORIZATION OF ATYPICAL FUNCTIONING

FÁBIO LUIZ NUNES

RESUMO

Esta resenha da obra *Human cognitive diversity*, de Ingo Brigandt, publicada pela Cambridge University Press em 2025, propõe uma reorientação epistemológica e ética no estudo da cognição humana. Nessa obra, Brigandt rejeita modelos universalistas e tipológicos, defendendo a passagem da noção neutra de variação para o conceito valorativo de diversidade cognitiva. Ele critica o modelo biomédico de deficiência e o determinismo biológico, favorecendo explicações integrativas que consideram a plasticidade fenotípica e a construção de nicho. A disfunção é compreendida como resultado de barreiras ambientais, não de inadequação individual. Conclui-se que essa reformulação coloca a variabilidade cognitiva no centro da compreensão da espécie, com implicações éticas para a nosologia psiquiátrica e as políticas públicas, evitando a patologização de funcionamentos atípicos por meio de uma ontologia não essencialista da natureza humana.

Palavras-chave: Ciências cognitivas; neurodiversidade; variação cognitiva; plasticidade fenotípica.

ABSTRACT

This review of Ingo Brigandt's work *Human cognitive diversity*, published by Cambridge University Press in 2025, proposes an epistemological and ethical reorientation in the study of human cognition. In this work, Brigandt rejects universalist and typological models, advocating for a shift from the neutral notion of variation to the evaluative concept of cognitive diversity. He criticizes the biomedical model of disability and biological determinism, favoring integrative explanations that consider phenotypic plasticity and niche construction. Dysfunction is understood as resulting from environmental barriers rather than individual inadequacy. The conclusion is that this reformulation places cognitive variability at the center of understanding the species, with ethical implications for psychiatric nosology and public policy, avoiding the pathologization of atypical functioning through a non-essentialist ontology of human nature.

Keywords: Cognitive sciences; neurodiversity; cognitive variation; phenotypic plasticity.

INTRODUÇÃO

No âmbito das discussões contemporâneas sobre cognição humana e variabilidade psicológica, tem-se questionado a ideia de universais mentais estáveis e trans-históricos. Nesse sentido, a organização cognitiva do *Homo sapiens* não corresponde a estruturas rígidas fixadas na pré-história, mas se constitui um sistema ontogeneticamente plástico e socioculturalmente localizado, entendimento respaldado por Tomasello (1999), quando destaca a adaptação biológica singular à cultura e por Henrich, Heine e Norenzayan (2010) ao demonstrarem a inadequação epistemológica de generalizar a psicologia da espécie a partir de amostras populacionais ocidentais.

Nesse contexto de revisão paradigmática desponta-se *Human cognitive diversity*, livro publicado pela Cambridge University Press em 2025 na coleção *Elements in the philosophy of biology*, sob edição de Grant Ramsey. A obra, desprovida de tradução para a língua portuguesa até o presente momento, estrutura-se em cinco seções voltadas à representação científica da diversidade e aos debates sobre neurodiversidade. Ingo Brigandt, o autor, é um filósofo teuto-canadense e professor titular no departamento de filosofia da University of Alberta, na qual deteve a cátedra de pesquisa do Canadá em filosofia da biologia. Tendo formação inicial em Matemática pela Universität Konstanz (Alemanha) e doutorado em História e Filosofia da Ciência pela University of Pittsburgh, Brigandt atua igualmente como editor executivo do Canadian Journal of Philosophy.

A obra inicia-se defendendo a necessidade de uma transição da noção neutra de *variação cognitiva* para o conceito valorativo de *diversidade cognitiva*, a partir do que se estabelecem as bases para o capítulo dois, intitulado “Representing human cognitive diversity”. Nessa seção, reprovam-se metodologias focadas na busca por dissemelhanças grupais, a exemplo das investigações sobre diferenças sexuais e a hipótese do cérebro masculino versus feminino, classificando-as como pensamento tipológico que negligencia a variação intragrupal (Brigandt, 2025). Essa crítica converge com as observações sobre o dilema uniformidade-unicidade e a categorização inadequada de variações contínuas como discretas ou ruído, que são apontadas, dentre outros, por Ward (2022). Em contrapartida, defende-se o uso de categorias analíticas plurais e interseccionais (o que inclui a hipótese do cérebro

mosaico¹ e a neurociência cultural) para mapear a heterogeneidade cognitiva real. Essa demanda por representatividade global e superação de amostragens enviesadas tem respaldo na necessidade de expansão do escopo geográfico e cultural das investigações, de maneira a evitar a generalização de dados de uma minoria demográfica para toda a espécie (Basnight-Brown; Janssen; Thomas, 2023). A argumentação apresentada por Brigandt (2025) dialoga, portanto, com a rejeição de pressupostos universalistas rígidos na estrutura causal da mente, o que corrobora a visão de uma diversidade transcultural, segundo a qual a variação não representa falha de uma natureza humana normalizada (Washington, 2016).

No capítulo três, “Explaining human cognitive diversity”, questionam-se os modelos explicativos fundamentados em dicotomias do tipo natureza-criação ou em determinismos biológicos, como a teoria organizacional-ativacional hormonal, sustentando-se que tais estruturas falham ao ignorar a plasticidade fenotípica e a construção de nicho² (Brigandt, 2025). A proposição de marcos explicativos integradores, que levem em conta a interação recíproca entre processos neurofisiológicos e socioambientais harmoniza-se com a constatação, na literatura especializada, de que o conteúdo cultural e as ferramentas linguísticas configuram processos cognitivos fundamentais, como percepção e numeração (Bender; Beller, 2016). Além disso, o autor alerta para as implicações sociopolíticas de explicações potencialmente reducionistas, as quais fomentam estereótipos e fatalismo quanto a disparidades sociais (Brigandt, 2025). Essa leitura ressalta que mecanismos cognitivos variantes podem surgir de trajetórias de desenvolvimento distintas em contextos culturais diversos, o que certamente desafia a busca por uma arquitetura mental monomórfica (Washington, 2016). A rejeição de essencialismos biológicos pelo

¹ Proposta pela neurocientista israelense Daphna Joel, a hipótese do cérebro mosaico contesta a existência de um dimorfismo cerebral rígido entre os sexos ou mesmo de um *continuum* linear entre dois polos. Segundo essa perspectiva, cada cérebro humano constitui uma combinação única de características que podem ser estatisticamente mais comuns em mulheres ou em homens, raramente apresentando consistência interna exclusiva de um único sexo.

² A construção de nicho é um processo evolutivo no qual os organismos modificam ativamente seu ambiente, alterando consequentemente as pressões de seleção que atuam sobre si mesmos e sobre seus descendentes, o que cria um ciclo de feedback entre o organismo e o meio. No contexto humano, esse fenômeno inclui inovações tecnológicas, sociais e institucionais, como a agricultura influenciando a genética da tolerância à lactose ou a criação de ambientes ricos em informação (nichos cognitivos) que dão novos contornos ao desenvolvimento da mente.

autor resenhado reforça a necessidade de não considerar o ambiente como ruído, mas um constituinte da estrutura cognitiva (Ward, 2022).

“Neurodiversity, dysfunction, and human nature” é o quarto capítulo do livro. Nele, busca-se redirecionar o foco da reflexão para a dimensão axiológica da diversidade, rejeitando o modelo médico de deficiência em favor do modelo social, no qual a disfunção emerge da interação entre o indivíduo e barreiras ambientais (Brigandt, 2025). Nesse empreendimento, o autor endossa a tese de que o incremento nas exigências de produtividade e flexibilidade no neoliberalismo converte características de personalidade anteriormente aceitáveis em deficiências, impulsionando o movimento da neurodiversidade, como aponta McGee (2012).

Brigandt (2025) refuta a ética neoaristotélica e seu conceito de *bondade natural* baseado em uma natureza de espécie monolítica, pois tal estrutura normativa resultaria, segundo ele, em capacitismo ao classificar modos atípicos de funcionamento como defeituosos. Em concordância com essa ideia, tem-se que a implementação de programas corporativos focados em talentos neurodivergentes demonstra que a acomodação do ambiente de trabalho, em lugar da padronização do funcionário, proporciona vantagens competitivas em tarefas de reconhecimento de padrões e inovação (Austin; Pisano, 2017). À medida que discute a ontologia da natureza humana, o autor resenhado favorece concepções não essencialistas, posição que se aproxima do argumento de que a variabilidade psicológica transcultural inviabiliza o uso de uma “natureza humana normal” como parâmetro psiquiátrico, demandando uma nosologia baseada na diversidade de trajetórias de vida (Washington, 2016).

Na seção conclusiva da obra, observa-se a necessidade de superar abordagens metodológicas excessivamente dependentes de médias grupais e classificações tipológicas, uma vez que tais modelos tendem a obscurecer a heterogeneidade concreta dos sujeitos e a reforçar estereótipos acerca da cognição humana. Para Brigandt (2025), a diversidade cognitiva não pode ser tratada como simples desvio estatístico em relação a uma suposta normalidade universal. Pelo contrário, ela constitui um elemento central para a compreensão da própria dinâmica cognitiva da espécie.

A obra sustenta que uma apreensão rigorosa da cognição exige a investigação dos mecanismos causais interativos que atravessam o desenvolvimento humano,

especialmente a neuroplasticidade e os processos de construção de nicho ecológico e cultural. Nesse enquadramento, fatores biográficos, históricos e ambientais deixam de ocupar um papel secundário e passam a integrar a própria estrutura explicativa dos fenômenos cognitivos. Essa perspectiva encontra respaldo na crítica formulada por Thornton e Lukas (2012) à psicologia comparativa animal, sobretudo no que se refere à negligência histórica das diferenças individuais e das trajetórias de desenvolvimento. Os autores demonstram, com base em metanálises, que variáveis como idade, sexo, condições de criação e experiências acumuladas influenciam decisivamente o desempenho cognitivo. Assim, a desconsideração desses elementos compromete tanto a validade das comparações entre grupos quanto a compreensão das formas pelas quais os traços cognitivos emergem e se expressam em contextos naturais.

A partir dessa reorientação epistemológica, Brigandt (2025) também atribui centralidade à dimensão sociopolítica da diversidade cognitiva. Segundo o autor, compreender as origens socioambientais das disparidades em saúde mental constitui condição indispensável para a elaboração de políticas públicas menos fatalistas e menos patologizantes. Por rejeitar o modelo biomédico de deficiência e privilegiar uma perspectiva social, a análise afasta-se da suposta inadequação intrínseca do indivíduo e denuncia os obstáculos institucionais e culturais que produzem a exclusão. A disfunção passa, então, a ser concebida como efeito da interação entre singularidades cognitivas e ambientes estruturados segundo padrões normativos restritivos.

Desse modo, a valorização da neurodiversidade ultrapassa o plano de uma revisão conceitual das ciências cognitivas. Para Brigandt (2025), a rejeição de modelos universais de normalidade constitui um imperativo simultaneamente epistêmico e ético, fundamental para que as ciências do comportamento humano reconheçam a variabilidade cognitiva como dimensão constitutiva da experiência humana.

Partindo de uma leitura crítica e informada, a obra de Brigandt (2025) instala uma defesa contundente da variabilidade fenotípica contra tendências reducionistas que buscam essências fixas, ao mesmo tempo em que propõe uma orientação ética para as ciências cognitivas. Sua desconstrução de padrões normativos universais converge com a hipótese de que a arquitetura mental humana é marcadamente plástica e dependente de nichos, uma plasticidade que, segundo o autor, fragiliza a pretensão de uma “natureza” psicológica unitária e impõe uma revisão cuidadosa das

categorias psiquiátricas para evitar a patologização de diferenças culturais (Washington, 2016).

Todavia, essa visão pluralista encontra obstáculos metodológicos relevantes, na observação deste resenhista: o desafio de captar a singularidade individual sem sacrificar a generalização necessária à construção de modelos explicativos levanta a exigência de critérios rigorosos capazes de separar ruído de variação substantiva. Além disso, a efetividade do programa teórico depende de superar vieses amostrais históricos e de ampliar o alcance geográfico e cultural das investigações (Basnight-Brown; Janssen; Thomas, 2023). De modo geral, é inegável que o livro reposiciona a diversidade de uma anomalia a ser corrigida para o núcleo epistemológico de uma ciência comprometida simultaneamente com a precisão metodológica, com a bioética e com a justiça social.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, R. D.; PISANO, G. P. Neurodiversity as a competitive advantage. **Harvard Business Review**, Boston (Estados Unidos da América), 2017. Disponível em: <https://hbr.org/2017/05/neurodiversity-as-a-competitive-advantage>. Acesso em: 14 dez. 2025.

BASNIGHT-BROWN, D.; JANSSEN, S. M. J.; THOMAS, A. K. Exploration of human cognitive universals and human cognitive diversity. **Memory & Cognition**, [s. l.], v. 51, p. 505-508, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3758/s13421-023-01410-w>. Acesso em: 14 dez. 2025.

BENDER, A.; BELLER, S. Current perspectives on cognitive diversity. **Frontiers in Psychology**, Lausanne (Suíça), v. 7, art. 509, p. 1-16, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00509>. Acesso em: 14 dez. 2025.

BRIGANDT, I. **Human cognitive diversity**. Cambridge (Reino Unido): Cambridge University Press, 2025. 86 p. (Elements in the philosophy of biology). ISBN: 978-1-009-49636-0.

HENRICH, J.; HEINE, S. J.; NORENZAYAN, A. The weirdest people in the world?. **Behavioral and Brain Sciences**, Cambridge (Reino Unido), v. 33, n. 2-3, p. 61-83, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20550733/>. Acesso em: 14 dez. 2025.

MCGEE, M. Neurodiversity. **Contexts**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 12-13, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1536504212456175>. Acesso em: 14 dez. 2025.

THORNTON, A.; LUKAS, D. Individual variation in cognitive performance: developmental and evolutionary perspectives. **Philosophical Transactions of the**

Royal Society B: Biological Sciences, London (Reino Unido), v. 367, n. 1603, p. 2773-2783, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1098/rstb.2012.0214>. Acesso em: 14 dez. 2025.

TOMASELLO, M. **The cultural origins of human cognition**. Cambridge, MA (Estados Unidos da América): Harvard University Press, 1999.

WARD, Z. B. Cognitive variation: the philosophical landscape. **Philosophy Compass**, [s. l.], v. 17, n. 10, e12882, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/phc3.12882>. Acesso em: 14 dez. 2025.

WASHINGTON, N. Culturally unbound: cross-cultural cognitive diversity and the science of psychopathology. **Philosophy, Psychiatry, & Psychology**, Baltimore (Estados Unidos da América), v. 23, n. 2, p. 165-179, jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/ppp.2016.0014>. Acesso em: 14 dez. 2025.

AUTOR

Fábio Luiz Nunes, mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Didática, Práticas de Ensino e Tecnologias Educacionais pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em Formação Docente para a Cultura Digital pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e em Retórica e Análise do Discurso em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Araraquara. Psicólogo pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Profissional técnico-administrativo no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br.